

MORTE DO HOMEM, MORTE DO SUJEITO: NIETZSCHE E A CRÍTICA À METAFÍSICA DA SUBJETIVIDADE EM DESCARTES

*Alex Fabiano C. Jardim**

RESUMO : O trabalho tem como proposta mostrar o aparecimento de uma das críticas mais radicais à metafísica na história do pensamento: a filosofia de Friedrich Nietzsche. Rompendo com a tradição do pensamento moderno iniciado em Descartes, Nietzsche tematiza a questão da genealogia do sujeito em contraposição à teoria do sujeito como substância pensante, introduzindo na história do pensamento a urgência de pensarmos o homem como multiplicidade de forças, desconsiderando os postulados de verdade que a metafísica cartesiana instituiu a respeito do homem-sujeito e problematizando a possibilidade de um novo “ethos”. A crítica à metafísica da subjetividade em Nietzsche significa a afirmação de uma vontade de potência, uma transvaloração de todos os valores como a condição para a criação de diferentes possibilidades de vida.

PALAVRAS CHAVES: Metafísica-Subjetividade-Genealogia-Cogito-Sujeito-Modernidade

ABSTRACT: The work has as purpose, show the emerge of one of the most radical criticism to the metaphysics in thought history: Friedrich Nietzsche philosophy's. Breaking with the tradition of modern thought initiate in Descartes, Nietzsche discuss the subject genealogy question in contraposition to the subject theory as thoughtful substance, introducing in thought history the urgency to see man as forces multiplicity, disregarding the true postulates that cartesian metaphysics establish in point of subject-man and putting in doubt the possibility of a new ethos. The criticism to the subjectiveness metaphysics in Nietzsche, means the affirmation of a might will, an transvaluation of all values as a condition to the creation of distinct life possibilities.

KEY WORDS: Metaphysics–Subjectiveness–Genealogy–Cogitation-Subject-Modernity

O século XIX é desconcertante, pois marca o aparecimento de uma das críticas mais radicais à metafísica na história do pensamento: a filosofia de Friedrich Nietzsche¹. A problemática desenvolvida por Nietzsche se caracteriza sobretudo por uma desconstrução da tradição metafísica, fulminando junto com ela a crença na idéia de sujeito como fundamento e positividade, como ele mesmo coloca em sua obra *Para além do Bem e do Mal*:

(...) Repetirei mil vezes, porém, que “certeza imediata”, assim como “conhecimento absoluto” e “coisa em si”, envolve uma *contradictio inadjecto* (contradição no adjetivo). Deveríamos nos livrar, de uma vez por todas, da sedução das palavras! Que o povo acredite que conhecer é conhecer até o fim; o filósofo tem que dizer a si mesmo: se decompou o processo que está expresso na proposição “eu penso”, obtenho uma série de afirmações temerárias, cuja fundamentação é difícil, talvez impossível – por exemplo, que sou eu que pensa, que tem de haver necessariamente um algo que pensa, que pensar é atividade e efeito de um ser que é pensado como causa, que existe um “EU”, e finalmente que já está estabelecido o que designar como pensar – que eu sei o que é pensar. Pois se eu já não tivesse me decidido comigo a respeito, por qual medida julgaria que o que está acontecendo não é talvez “sentir”, ou “querer”? Em resumo, aquele “eu penso” pressupõe que eu compare meu estado momentâneo com outros estados que em mim conheço, para determinar o que ele é: devido a essa referência retrospectiva a um “saber” de outra parte, ele não tem para mim, de todo modo, nenhuma “certeza” imediata (NIETZSCHE, 1992: 21-22).

O pensamento de Nietzsche na filosofia se transforma como o maior inimigo das proposições cartesianas, principalmente aquelas que dão ao homem um lugar de destaque como *rés cogito*, isso significa, em Descartes, a valorização positiva do indivíduo e de sua subjetividade como espelho do governo da razão. Para Descartes, a verdade está no interior do próprio sujeito: a certeza da consciência de si. E a consciência de si é condição de possibilidade para que exista o sujeito: substância pensante, (leia-se metafísica da subjetividade). Segundo Nietzsche, a propriedade de pensar do homem, aquilo que o acaba qualificando como existência, é uma redundância carregada de pressupostos metafísicos, resoluções dogmáticas e desprovidas de qualquer atenção histórica. Não é mais que uma crença cega de Descartes em se fazer do homem portador de uma verdade universal, que encontra a sua segurança em seu princípio de apoditicidade na teodicéia – justificativa

de Deus – o homem como devedor de uma verdade divina. A idéia de um tipo de subjetividade que transcende as experiências do corpo como elemento fundante do conhecimento passa a ser desprovida de sentido, já que a realidade é composta pelos “fluxos dos acontecimentos”, pelos devires, constituindo assim, ineficiente as idéias de certeza e permanência existentes na concepção a respeito do cogito cartesiano.

Não devem refugiar-se numa metafísica, mas sacrificarem-se a uma civilização do devir! É por isso que eu me oponho absolutamente ao idealismo do sonho (NIETZSCHE, s/d, af.108: 59).

Observamos com isso, que a crítica nietzscheana é uma proposta clara de pôr fim à especulação de caráter metafísico na história do pensamento. A nossa intenção é mostrar quais as críticas mais contundentes que o pensar nietzscheano faz às pretensões da metafísica, o que nos ajudará para que no decorrer do trabalho possamos visualizar a “figura-sujeito” e em que ela se transforma. Além do mais, utilizaremos simplesmente um dos aspectos na filosofia de Nietzsche, que é o anúncio da morte do homem.

Quando Nietzsche se ocupa em desconstruir a metafísica, ele quer diretamente introduzir no pensamento moderno uma crítica aos valores constituídos pelos ideais ascéticos, o que nos levará a pôr sob suspeita o pensamento metafísico, principalmente a idéia de busca de um sentido para o desenvolvimento do pensamento humano. Nietzsche retira do sujeito a pretensão de agente que enuncia uma verdade (aquele que dá sentido) – a respeito de algo.

Descartes é, para a modernidade, o pensador que abre as portas para uma filosofia do sujeito através de um edifício teórico que dá ao homem as reais possibilidades enquanto substância pensante de ser o criador de mecanismos de avaliação, de verdades contidas nas certezas do cogito. O sujeito, em Descartes, alcança a posição daquele que vai produzir uma verdade sobre o mundo, e que esta verdade atingirá o caráter de evidência, clareza e distinção do mundo fenomênico, porque é o resultado de um rigor metodológico. Podemos observar isso no Discurso do Método:

(...) Julguei que me bastariam os quatro seguintes preceitos, desde que tomasse a firme e constante resolução de não deixar uma só vez de observá-los: o primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu

não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida. O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las. O terceiro, o de conduzir por ordem dos meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir (DESCARTES, 1962: 53-54).

Ora, para Nietzsche, o desenvolvimento do cartesianismo favoreceu a utilização de procedimentos – via razão – de conotação profundamente moral, expressada claramente nas relações entre os homens através de juízos de valores. Nietzsche afirma tal problema, visto que todo pensamento de Descartes é delineado em função de uma grande “vontade de verdade”², e que a vida em sociedade deve ser o reflexo – em nossas ações – das operações do cogito: certeza e objetividade – todas iluminadas por Deus – é ele quem vai dar garantia absoluta para que o homem trilhe o caminho em direção ao bem moral. É o que nos mostra Nietzsche de forma clara em *Vontade de Potência*:

O homem projeta, de alguma forma, fora de si, seu instinto de verdade, seu alvo para construir o mundo que é, o mundo metafísico, a coisa em si, o mundo de antemão existente. Sua necessidade de criador inventa de antemão o mundo no qual trabalha, antecipa-o: esta antecipação (esta fé na verdade) é o seu sustentáculo (NIETZSCHE, 1945: 291).

A tarefa nietzscheana, em sua batalha demolidora, é justamente fazer uma crítica ao quadro conceitual cartesiano, ou seja, de descaracterizar a existência de qualquer que seja o fundamento metafísico orientador que sirva de sustentáculo para o conhecimento e para a existência do homem e suas relações cotidianas.

A crítica é feita a partir da idéia de que os valores essenciais presentes na filosofia do sujeito, neste caso, em Descartes, acabem por retirar do homem e de sua constituição a sua ligação com a natureza, com o mundo, fazendo com que

o homem deixe de experimentar a sua humanidade como um tipo de experiência trágica da existência³. A ruptura nietzscheana é notória com o cartesianismo e a metafísica quando ele resgata o homem do idealismo, dando a este um sentido meramente histórico, buscando, com isso, uma discussão sobre o sujeito, não em sua origem, mas em sua genealogia⁴.

O que significa em Nietzsche fazer a distinção entre origem e genealogia? O traço que as distingue é que quando se quer descobrir a origem do sujeito, retornamos ao princípio de identidade implícita em sua constituição, isto é, em seu começo absoluto, metafísico, como se o sujeito fosse produto de uma idealidade auto-suficiente e incondicionada. É Nietzsche quem fala em *Humano, Demasiado Humano*, que

(...) Até aqui, a filosofia metafísica arranjou maneira de vencer esta dificuldade, na medida em que negava a formação de uma coisa a partir da outra e aceitava para as coisas de mais elevada valia uma origem milagrosa, imediatamente resultante do cerne e essência da coisa em si (NIETZSCHE, 1997 : 21).

4

4

Como se o sujeito tivesse seu sentido dado fora de toda produção, separado nitidamente e irreversivelmente das condições de possibilidades que propiciaram o seu aparecimento ou suas constantes e sempre novas demarcações.

O contraponto nietzscheano é expresso em seu conceito de genealogia, que, opondo-se à idéia de origem, passa a ver o homem emergindo no turbilhão de forças que o atinge, desprovin-do-o de qualquer identidade metafísica primeira, lançando-o no terreno dos acontecimentos, da história, das contradições, das relações de força e de poder. O homem, para Nietzsche, é visto como que lançado nas linhas do tempo, dessubstancializado e tornado corpo visível, efeito inevitável do embate entre as “forças do dentro”: busca pela identidade imutável e imóvel. E as “forças do fora”: de características infinitas, contingentes, articuladas ou desarticuladas que abraçam diretamente a superfície do sujeito, para deformá-lo e distorcê-lo.

O conceito de genealogia em Nietzsche vem privilegiar a condição do homem

enquanto presença no mundo, fazendo a cisão entre a ligação de sua humanidade com a eternidade, refletida pela esfera de um tempo redentor que trará junto de si a promessa da felicidade e da liberdade. Na verdade, esse tipo de homem preso nessas crenças foi constituído desde a tradição platônica até os dias atuais. Dessa forma, a liberdade somente será possível quando a metafísica for exaurida e o homem romper com as verdades trans-cendentais, considerando somente o devir histórico sem pretensões finalistas, numa ontologia do sujeito no presente jogo plural das forças. Para Balen:

Nietzsche propõe uma outra ontologia. Ele recupera o conceito présocrático de ser enquanto devir e multiplicidade. Ele substitui a idéia do ser enquanto “unidade substancial” pela idéia de ser enquanto diversidade e contradição (BALEN, 1999:72).

Através da genealogia do sujeito, Nietzsche retira todo idealismo da história, ou seja, a humanidade não se produz em cima de uma idéia de progresso indefinido a partir dos critérios totalitários da razão triunfante. Tal postulado é a crença num estado teleológico do mundo e da existência – imposição da idéia de sentido histórico (idealismo) e de forças geridas pelo mistério da providência divina, o que nos levará de certa forma a um retorno ao pensamento dominante da idade média, isto é, um pensamento marcado por uma metafísica de caráter religioso. Como crítico da modernidade e de seus pressupostos que formam o pilar da racionalidade como forma iluminadora da consciência, Nietzsche investe sua preocupação contra o cartesianismo, pois este pensamento ausenta no homem as condições de possibilidades de sua constituição enquanto ser em devir e, conseqüentemente, desconsiderando as inúmeras forças que perpassam a vida, pois no caminho da construção da subjetividade Descartes parte para um tipo de radicalização do “eu”, através de um distanciamento do mundo. Esse distanciamento é marcado principalmente pelo princípio da dúvida metódica, que propicia a Descartes a oportunidade de vivenciar uma experiência

5

5

cética, apesar do ceticismo se dissolver rapidamente no decorrer de sua batalha para a instauração da verdade.

Observamos que a crítica nietzscheana se acentua cada vez mais quando ele discorre sobre as pretensões de uma filosofia do sujeito⁵. Rompendo com a tradição do pensamento moderno desde Descartes, Nietzsche tematiza a finitude da subjetividade em contraposição à teoria do sujeito absoluto que determina, através de sua interioridade, as maneiras decisivas do agir.

Diferentemente de Descartes, em que o sujeito é uma substância pensante: unitária, essencial e descolada da história (do mundo sensível) em sua gênese ontológica, Nietzsche introduz na história do pensamento a urgência de pensarmos o homem como pluralidade, resultado indefinido de várias vontades que se entrecruzam como multiplicidade de forças. Olhar o mundo a partir desse conceito, o da multiplicidade de forças, nos remete a um novo elemento: a diferença. Vejamos o que fala Gilles Deleuze:

(...) Nietzsche substitui o elemento especulativo da negação, da oposição ou da contradição, pelo elemento prático da diferença: objeto de afirmação e de gozo. É nesse sentido que existe um empirismo nietzscheano. A pergunta tão freqüente em Nietzsche: o que uma vontade quer? O que quer este? Aquele? Não deve ser compreendida como a procura de um objetivo, de um motivo nem de um objeto para esta vontade. O que uma vontade quer é afirmar sua diferença. Em sua relação essencial com a outra, uma vontade faz de sua diferença um objeto de afirmação (...) A diferença é o objeto de uma afirmação prática inseparável da essência constitutiva da existência (DELEUZE, 1976: 7).

Bem, já que são as forças que constituem a existência, e elas se caracterizam pela diversidade – são da ordem do devir – nós não podemos afirmar mais que o homem é definido como queria Descartes, por unidade, permanência ou absolutização da consciência. A teoria das forças em Nietzsche, vai destruir a noção de um sujeito indiferente, afastado dos “devenires” do mundo, mas ao contrário, vai “arrastá-lo então para o seu naufrágio”, e dissolvê-lo nas armadilhas da contradição.

Descartes concebe o homem como unidade subjetiva, ontologicamente substancializado, tendo o “eu” como núcleo da identidade subjetiva e suporte das predicções que abrem as portas para o pensar, sendo o efeito de uma

intuição imediata – uma vontade deliberada da consciência, ou seja, do próprio pensamento. Segundo Descartes, a subjetividade é constituída justamente em sua autonomia para com o mundo exterior, pelo processo de “absolutização do eu”, mesmo que isso implique no risco de enclausurar o pensamento sobre o sujeito num certo solipsismo. Mas esse risco não o impede de edificar um estatuto para o homem, calcado e alicerçado sobre as bases de uma metafísica. A ambição cartesiana que nos surge é a sua pretensão em solidificar metodologicamente o caminho que conduzirá à evidência da verdade por regras

6

6

claras e distintas (DESCARTES, 1999:42).

Tomando um caminho radicalmente oposto ao efetuado por Descartes, Nietzsche afirma que a crença na racionalidade intuitiva é fruto de um movimento psicológico, que denominará um “sujeito em si” que será a causa de todo agir: sujeito-agente substancializado e, por isso, metafísico. Para Nietzsche, o exercício do pensamento cartesiano tem uma finalidade: a busca da verdade. E de que verdade Descartes fala? Das verdades obtidas pelas idéias claras e distintas, afastadas do mundo sensível. Verdades que guiarão o homem na consolidação de um saber rigoroso e científico, livre dos obstáculos que certamente aparecerão em seu caminho; e o critério metodológico dessa verdade é assegurado pelo Deus veraz, que em si mesmo é perfeito, transcendente e que proporciona o sentido para a existência do homem. O sujeito, em Descartes, portanto, é um ser de consciência clara, que iluminado e garantido pela luz divina, tem o poder de enunciar a verdade sobre o mundo. Nietzsche nos mostra que, em Descartes, toda ação é o efeito da vontade do sujeito.

É o mesmo que dizer que a fundamentação da realidade é proveniente da razão; algo como um tipo de transcendental histórico – o sujeito como coisa em si ou interioridade⁶ – longe em sua formulação das noções de mudança, transformação ou multiplicidade constitutiva pela experiência, isto é, para Descartes, o sujeito se consolida ao refletirmos na perspectiva de uma metafísica da subjetividade. Diante dessas considerações, Nietzsche procura

desarticular e desconstruir todas as noções de sujeito como agente, substância ou consciência, chamando-as de os grandes erros:

1)exagero insensato na estimação da consciência; faz desta uma unidade, um ser: “o espírito”, a “alma”, algo que sente, que pensa, que quer; 2) o espírito considerado como causa, notadamente em tudo quanto se manifesta finalidade, sistema, coordenação; 3) a consciência considerada como a forma mais alta que se possa alcançar, como a suprema espécie de ser, como “Deus”; 4) a vontade registrada em toda parte onde haja efeitos; 5) o mundo verdade considerado como mundo intelectual, como acessível através dos fatos da consciência; 6) o conhecimento absoluto considerado como faculdade de consciência em tudo onde haja conhecimento” (NIETZSCHE, 1945: 270).

7

7

A metafísica passa a ser destituída de valor, atribuindo somente à história e/ou aos acontecimentos em sua complexidade, o agenciamento de fluxos de forças que manifestam a sua intensidade – uma vontade de potência e expansão. Toda a crença nas categorias metafísica não passa de uma tentativa em acomodar o mundo dentro de uma logicidade lingüística gerida pelo poder da razão: “Penso, logo existo” é uma proposição cartesiana, a qual nada mais é que uma tentativa da filosofia clássica em continuar sua tradição em dicotomizar, subdividir e substancializar o homem, forçando-nos a interpretar a realidade seguindo um modelo operacional, um esquema matematizável, mecânico e dualista:

substância/acidente, sujeito/objeto, matéria/espírito, eternidade/vir-a-ser.

Ao fazermos uma leitura mais atenta de suas obras, notamos que Nietzsche deixa claro que a sua grande “briga” é contra a metafísica ou o racionalismo que pretende estabelecer verdades eternas e indubitáveis ao mundo. Em sua crítica, fica explícito o exercício ininterrupto de desconstituição de toda posição filosoficamente herdada do pensamento clássico-metafísico pela modernidade.

Para Nietzsche, o sujeito cartesiano se estrutura de uma forma tão frágil, que se recusarmos a idéia do Deus veraz como “aquele que garante a verdade” e também se retirarmos a idéia de “intuição imediata”, ocorre um desmoronamento

do edifício ontológico e epistemológico em Descartes, deixando o sujeito desprovido de atividade e solidez efetiva. Dessa forma, o sujeito cartesiano tornase impossível de ser pensado quando se imiscui na multiplicidade da mudança.

Quando Nietzsche, ao desconsiderar os postulados de verdade que a metafísica institui a respeito do homem-sujeito⁷, ele quer resgatar a humanidade para um novo conceito de existência, questionando o caminho percorrido durante séculos pela história do pensamento. A subjetividade do homem não está relacionada à sua essência, ela se desmancha no porvir. O mundo para Nietzsche não se organiza nem se ordena a partir de vontades subjetivas. Ele vai chamar esse procedimento de vontade de verdade: dar ao mundo um caráter organizado e que só pode ser apreendido pela consciência racional. O que ocorre no pensamento de Nietzsche é a substituição dessa lógica metafísica (que pretende pensar o mundo a partir do *res cogito*), pela lógica dos instantes ou do acontecimento, ou seja, pela negação da existência do sujeito em si e sua oposição com o mundo aparente e das sensações, colocando-nos inteiramente na complexidade e na pluralidade do instante, no que ele apresenta de singular; cortados por uma infinidade de forças que se aproximam ou se distanciam, por expansão e por diferença de graus: qualidades, quantidades e intensidades. Segundo a interpretação nietzscheana, o sujeito se forma então por composição e afetos, e não por separação, divisão ou superioridade.

A ontologia nietzscheana é, então, o resultado de ação de forças sobre os corpos, nesse caso, o corpo assume temporariamente um tipo de configuração: a forma-homem. O pensamento metafísico fez, no decorrer da história, uma interpretação do conceito sujeito, de maneira a afastá-lo das múltiplas forças que o envolve: paixões, vontades, desejos, sensações, sonhos, delírios, imaginação,

8

8

etc., para que houvesse um bom funcionamento da sociedade, como a estabilidade da ordem social para proporcionar uma vida gregária e coletiva, seguindo as normas morais: agir segundo a orientação da razão, fosse ele sob orientação divina ou, posteriormente, epistemológica.

No momento em que Nietzsche problematiza a idéia de vontade de verdade no

interior do cartesianismo, ele nos leva a ter uma visão perspectivista do projeto de “transvaloração de todos os valores”⁸ – uma guerra contra todos os valores estabelecidos desde a filosofia antiga até a modernidade. A verdade como obediência aos códigos da razão serve somente para garantir uma vida sem ser afetado pelas “forças do fora”, (esses termos sempre estão muito presentes em Nietzsche, explícitos ou muitas vezes implícitos em toda sua obra). Pelbart faz um importante e relevante comentário a esse respeito:

Não seria exagero dizer que grande parte do pensamento de Nietzsche gira em torno da noção de força. O que é uma força? É relação com outra força. Uma força não tem realidade em si, sua realidade íntima é sua diferença em relação às demais forças, que constituem seu exterior. Cada força se define pela distância que a separa das outras forças, a tal ponto que qualquer força só poderá ser pensada no contexto de uma pluralidade de forças. O Fora é essa pluralidade de forças. O Fora, que é o exterior da força, é também sua intimidade, pois é aquilo pelo que ela existe e se define (PELBART, 1989: 121).

Assumir essa atitude para Nietzsche é negar a existência e a vida como vontade de potência⁹, rejeitando a participação no jogo das forças em sua pluralidade, incertezas e acasos. O sujeito não é garantido pela racionalidade auto-suficiente, mas, ao contrário, sua autonomia é possível quando os afetos se manifestam em vontades múltiplas, no constante vir-a-ser da superação, basta lermos Genealogia da Moral na terceira dissertação & 12 e logo notaremos a fundamentação dessa crítica:

Só há visão perspectiva, só há conhecimento perspectivo; e quanto mais deixamos os sentimentos entrarem em consideração a respeito de alguma coisa, quanto mais sabemos incorporar novos olhos, olhos diferentes para essa coisa, mais nosso conceito desta coisa, nossa objetividade será completa. Eliminar a vontade, afastar todos os sentimentos sem exceção, supondo que isso fosse possível, não seria castrar o intelecto? (NIETZSCHE, 1998, 109).

9

9

Segundo Nietzsche, qualquer tentativa de instituir mecanismos que neguem o movimento das forças que dão significado à vida é uma reação metafísica, já que o “ser” da própria vida é uma tensão permanente. E nesse jogo, o sujeito cartesiano se descaracteriza totalmente, pois ele não pertence mais ao mundo da estabilidade e da substância, mas torna-se, para Nietzsche, finito e transitório, enfim, um “corpo nômade”, submetido aos acasos dos encontros com uma exterioridade que muitas vezes o limita e o constrange. Nas entrelinhas das obras de Nietzsche, o “sujeito” agora não é mais visto sob a forma-homem substancializada, mas o contrário, passa a ser participante do mundo que exige dele uma constante ruptura com o instituído, transformando-se e produzindo novas forças ativas e novos caminhos afetivos. Outras formas de subjetividade no mundo, sem a crença numa verdade apaziguada das relações, nem em uma linearidade e universalidade dos sentidos e do corpo no tempo – regularidades. O pensamento nietzscheano declara o crepúsculo do sujeito: consciente e superior, como aquele que possui um órgão que limita a interioridade e a exterioridade. Um distanciamento entre o homem e o mundo, convertendo-se em códigos lingüísticos racionais para expressar a objetividade da existência. A verdade não passará para Nietzsche de um resultado provisório e a forma-homem como sujeito é uma das manifestações enquanto organismo dos processos de tensão e mutação.

A subjetividade em Descartes é a confirmação do advento da modernidade e do poder da razão como apresentação do sujeito: consciência normativa do saber – sujeito senhor e ordenador do mundo, que não sofre qualquer interferência em sua constituição das forças do fora. Esse tipo de argumento faz com que Nietzsche coloque sobre o fio da navalha o método cartesiano que descobre e permite o “ato de pensar” e que garante a sua verdade. O sujeito visto como simples identidade da substância pensante, e que nega os devires não passa de uma ilusão cartesiana e estratégia para a criação de valores que impeçam reativamente a expressão da diferença e da vontade de poder – o outro oposto à vontade de verdade. Seguindo essas considerações, Nietzsche afirmará na primeira dissertação da *Genealogia da Moral* & 13:

(...) Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um

querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força. Um quantum de força equivale a um mesmo quantum de impulso, vontade, atividade – melhor, nada mais é senão este mesmo impulso, este mesmo querer e atuar, e apenas sob a sedução da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela se petrificaram), a qual entende ou mal-entende que todo atuar é determinado por um atuante, um ‘sujeito’, é que pode parecer diferente (...) não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir; o ‘agente’ é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo. (NIETZSCHE, 1998: 39)

10

10

A desconstrução da noção de sujeito enquanto substância em Nietzsche faz-se efetiva e necessária, levando-se em consideração que a subjetividade se mostra como uma pluralidade de máscaras e o corpo é o fio condutor da realidade. Sabe-se que tal pensamento é de uma enorme radicalidade, pois desloca a metafísica para que ela perca seu posto lógico. Nietzsche então afirma a morte de Deus como condição para a morte da figura-homem, sujeito metafísico moderno, que direciona ao transcendente um modelo de perfeição idealista. Mas chamamos a atenção para uma questão enfatizada por Roberto Machado e que vale a pena ressaltar:

Nietzsche sabe muito bem que os valores são históricos e portanto mutáveis. Mas sabe também que o fato de substituir Deus pelo homem, de colocar valores reconhecidamente humanos no lugar dos valores considerados divinos, não muda o essencial. Não basta a “morte de Deus” para destruir e superar o niilismo: isso pode representar apenas sua exarcebação. É preciso destruir a moral. E a crítica do niilismo moral só é radical com o questionamento da vontade de verdade. Só através da crítica da vontade de verdade como vontade negativa de potência é possível elucidar o problema da moral, da metafísica, da ciência. Só o questionamento do valor da verdade é capaz de superar o niilismo e levar ao máximo de sua radicalidade o projeto nietzscheano de

“transvaloração de todos os valores” (MACHADO, 1999:79-71).

O deslocamento nesse momento faz com que a vontade de verdade que até agora atribuía à razão o papel de conceitualizar e reduzir tudo à lógica matemática, desprezando os paradoxos e o imponderável, sofresse um terrível golpe, pois ela acaba perdendo o seu sustentáculo epistemológico e direção: a verdade divina.

Diante desse novo quadro, o “eu” como consciência pensante é inexpressivo como determinante de uma verdade moral. O que se apresenta então, é o “eu” (“ser” enquanto “devir”) nietzscheano, efeito dos agenciamentos das forças que o cortam numa determinada temporalidade e movimento. Com isso, Nietzsche quer nos mostrar que a realidade é envolvida pela vontade de potência, que desconstrói a ontologia metafísica cartesiana e sua idéia de sujeito, visto por uma linha de tempo marcada pela uniformidade e linearidade, como já falamos outrora e que se desenvolve por sucessão metódica, tomando como ponto de partida ou de origem para a constituição da identidade do ser a invenção precisa em Descartes do sujeito como substância.

A vontade de potência é uma crítica a todas as identidades estáveis, já que tudo está possuído ou ocupado por forças, diferentemente da noção de unicidade do sujeito cristalizada por Descartes e presente na modernidade. A noção de subjetividade cartesiana reflete uma vontade decadente, na qual há uma dificuldade em aceitar a vida em seus aspectos multiformes ou inseridos nas contingências e acasos do movimento.

11

11

Considerações finais

A morte do sujeito, em Nietzsche, significa a substituição de uma vontade de verdade gerida por um niilismo negativo, pela vontade de potência, ou um niilismo afirmativo, que não vive as experiências do uso de categorias metafísicas para fundamentar a realidade: causa inicial (origem), causa final (teleologia), identidade, Deus, verdade, sujeito, etc. A morte da forma-Deus e da forma-homem/sujeito significa o fim de todos os princípios e finalidades metafísicas como os ideais ascéticos e transcendentais que tinham no substrato

Deus e Sujeito, formas de absolutização da verdade. O “sujeito” em Nietzsche não é conciliado com as formas metafísicas, mas opondo-se a elas, a sua identidade é a diferença como composição de forças que constituem uma ontologia¹⁰.

Podemos, com clareza, afirmar que Nietzsche subverte as noções metafísicas desacreditando nos pronunciamentos e nos enunciados que se impõem como verdadeiros. A interpretação nietzscheana torna-se um tipo de “exegese fisiológica” do movimento do mundo, assim a metafísica sempre coloca o corpo na posição de dominado, e quanto mais dominado for o corpo em função das vontades e dos desígnios da razão, maior a sua eficácia e submissão.

A genealogia do sujeito em Nietzsche é uma tentativa para mostrar que a subjetividade possui uma significação e efeito genealógico: o corpo do sujeito é atingido e sofre implicações dos códigos morais, religiosos, racionais, lingüísticos, culturais e institucionais, etc. Descobrir as várias nuances, muitas vezes sutis e tudo que envolve a figura-homem constituída é o passo mais largo para um olhar sob a subjetividade e a tentativa de fazê-la livre dos efeitos históricos pelos quais ela vem passando no tempo, além de fazer suscitar o desejo e/ou a potência de constituir diferentes maneiras de pensar e viver: outra ética e, até mesmo, uma nova ontologia de nós mesmos. É o que nos apresenta a leitura de Giacóia:

Tomar o corpo e a fisiologia como ponto de partida significa, portanto, reverter o ponto de partida tradicional da filosofia que, de Platão a Descartes, concedia primado à alma, ao espírito, em relação ao corpo; e não somente revertê-lo, mas fazê-lo a partir de uma exigência metódica que ela própria não poderia se furtar a subscrever: se a subjetividade centrada na unidade da consciência fornecia a grade de inteligibilidade que reunia, como numa linha de horizonte, a totalidade do ente, então a auto-supressão dessa unidade tem como conseqüência a necessidade de se encontrar um outro horizonte, um outro eixo de articulação para essa totalidade, uma nova concepção de subjetividade (GIACÓIA, 1999:27).

12

Um tipo de “anti-base” da metafísica se consolida em Nietzsche: a crença no corpo como um novo ponto de partida um novo fio condutor. Essa anti-base metafísica é a possibilidade, simultaneamente com todas as singularidades que a corta, de concebermos novas subjetividades pensadas a partir de novos afetos. A tessitura da modernidade é caracterizada em dois pólos fundamentais: a metafísica cartesiana e sua posteridade (como sendo a grande responsável pelo início das discussões a respeito do sujeito moderno); e do outro lado, a crítica à metafísica cartesiana que teve em Nietzsche seu principal e mais radical interlocutor crítico. Os enunciados e conceitos nietzscheanos nos ajudam a problematizar e fazer uma analítica em torno da sociedade moderna e como ela se configurava ou ainda se configura. Seus conceitos inspiraram vários pensadores contemporâneos como Bataille, Lyotard, Foucault, Deleuze, Derrida, para citar os franceses, considerados aqueles que mais contribuíram nas discussões sobre o pensamento de Nietzsche. Mais do que verdades, a força dos conceitos nietzscheanos introduziram no pensamento moderno uma grande polêmica a respeito da morte do sujeito, principalmente nas práticas do pensamento marcadas exclusivamente pelas filosofias de Kant, de Hegel e até mesmo de Marx. Como falar do ocaso do homem em sua genealogia, diante da cultura da razão ou do Esclarecimento? Diante de tais problemáticas, o pensamento de Nietzsche provoca uma fissura nas maneiras de olhar o real, suas condições, seus acasos e as suas políticas. Mais do que saídas ou busca por metanarrativas, Nietzsche nos deixa um problema: num certo sentido, um tipo de anti-humanismo e uma crítica à noção de identidade e do sujeito. Todo pensador inventa em seu exercício filosófico, parece-nos, em determinados momentos, armadilhas que, vez ou outra, nos tornam “presas” quase indefesas de seus enunciados e conceitos. Em Nietzsche, as coisas não acontecem diferente. Produzindo um pensamento, diríamos, perturbador, ele nos remete, na intensidade proporcional de suas leituras, a um campo minado, onde qualquer passo em falso, o que é o mesmo que falar em interpretações apressadas ou sem o devido rigor que ela exige, poderia causar um tremendo estrago, um exemplo claro disso é a sua crítica à metafísica e as noções que ela

implica, como a questão do sujeito, tratada aqui, bem rapidamente, mas que pode demonstrar muito bem como sendo uma das grandes polêmicas em Nietzsche.

Atualmente, colocam-no como um dos arautos do pós-modernismo ou inspirador dos pensadores chamados pós-estruturalistas. Acreditamos que esta questão não nos cabe neste momento analisar ou até mesmo procurar nela alguma relevância. Talvez, mais importante que isso, é descobrir a força existente nos aforismos escritos por Nietzsche, principalmente em sua potência e qualidade. Mais do que encontrar em Nietzsche profecias ou contradições, o mais importante, cremos, é a leitura radical que ele faz da modernidade, suas paisagens, contornos e relações. O que está sempre em jogo, no pensamento de Nietzsche, é a possibilidade de inventarmos ou criarmos novas práticas de

13

13

vida a partir do projeto de “transvaloração de todos os valores”, ou seja, a invenção de um novo “ethos”. Sendo assim, quando ele faz a crítica à idéia de sujeito fundante ou substância pensante, iluminada pelo cogito, este garantido pelo Deus veraz, está querendo nos arremessar, indistintamente, ao mundo das experimentações ou da vivência de nossas potencialidades, abolindo completamente as noções de finalismo, teleologia, teodicéia, causalidade mecânica, sujeito constituinte, etc. Libertar-se da tradição metafísica e de tudo que ela traz junto de si indica, em Nietzsche, o desafio de construirmos, no jogo das relações de força, um destino simplesmente humano, aceitando tragicamente as infinitas forças que cortam a vida e que perpassam as existências, já que elas são a própria vida, afinal, todo trabalho de Nietzsche é uma contribuição à possibilidade do filosofar sem metafísica.

Notas

1 A partir de Nietzsche, o pensamento ocidental sofreu uma grande reviravolta. Essa reviravolta no pensar metafísico, com suas grandes questões, retirou de nós as certezas mais enraizadas que tínhamos. As certezas metafísicas tais como as noções de sujeito, identidade, causalidade, sobre as quais Nietzsche desenvolve sua crítica, estão ainda profundamente enraizadas no senso comum

das culturas ocidentais e encontram-se confirmadas pela racionalidade instrumental da ciência moderna. Para melhor saber sobre o assunto, pesquisar em algumas de suas obras: *Genealogia da moral*(1998), *Humano, demasiadamente humano*(1997), *Vontade de potência, Para além do bem e do mal*(1992).

2 “...mas o que força a isto, a incondicional vontade de verdade, é a fé no próprio ideal ascético, mesmo com seu imperativo inconsciente, não haja engano a respeito – é a fé em um valor metafísico, um valor em si da verdade, tal como somente esse ideal garante e avaliza uma ciência “sem pressupostos’, o pensamento de uma tal ciência é impensável, paralógico: deve haver antes uma filosofia, uma fé, para que a ciência dela extraia uma direção, um sentido, um limite, um método, um direito à existência. (...) Porque o ideal ascético foi até agora senhor de toda filosofia, porque a verdade foi entronizada como Ser, como Deus, como instância suprema, porque a verdade não podia em absoluto ser um problema. Compreende-se este podia? – A partir do momento em que a fé no Deus do ideal ascético é negada, passa a existir um novo problema: o problema do valor da verdade. A vontade de verdade requer uma crítica – com isso terminamos nossa tarefa -, o valor da verdade será experimentalmente posto em questão...” Nietzsche, *Genealogia da Moral – Terceira dissertação*, & 24, 1998:24.

3 Nietzsche, no decorrer de sua obra, sempre ressalta a idéia de que o homem é aquele que deve experimentar...O homem é acima de tudo um experimentador do mundo e observaremos isso em: *Aurora* & 453: Nós somos experimentos:

14

14

seja-mo-lo de bom grado!, *Id.* & 501: Nós reconquistamos a coragem de errar, de ensaiar, de aceitar provisoriamente! (...) Podemos fazer experiências conosco mesmos e *Gaia Ciência* & 319: Nós próprios queremos ser nossos experimentos e tentativas.

4 “A genealogia instaura um deslocamento no que se refere à pergunta filosófica: se as questões até então formuladas pela filosofia sempre foram movidas pela busca da verdade, ou seja, se a produção de conhecimentos sempre apontou

para a verdade dos valores, Nietzsche vai perguntar: por que precisamos da verdade, o que nos faz buscar obstinadamente a verdade? Esse deslocamento acontece porque Nietzsche se recusa a seguir o fio da teia conceitual do pensamento. O motivo dessa recusa é que o conhecimento metafísico é uma negação da vida, ou seja, a história do conhecimento metafísico é a história do afastamento com relação aos instintos, ao corpo, à terra” (MOSÉ, 1999: 189).

5 A questão do sujeito aparece dispersa nos textos de Nietzsche, em especial nas obras : Para além do bem e do mal, Genealogia da Moral, O Livro do filósofo , Assim falou Zaratustra, Crepúsculo dos Ídolos. Indicamos também para leitura algumas obras que certamente irão contribuir para a discussão sobre o assunto: VATTIMO, G. Introdução a Nietzsche, MARTON, S. Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche, PIMENTA, O . Razão e conhecimento em Descartes e Nietzsche, ONATE, P. O Crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica, KOSSOVITCH, Leon. Signos e poderes em Nietzsche, FINK, E. A filosofia de Nietzsche. KLOSSOWSKI, P. Nietzsche e o círculo vicioso.

6 Para Onate, “A “interiorização” é fruto de um imenso esforço conciliador, apaziguador, que arrefece e acaba por interditar a descarga dos instintos favoráveis à violência, à conquista; privados do canal de expressão externa, eles se resignam a desenvolver um périplo interno em cuja brecha se instaura o estado consciente. Contudo, esta referência incoercível ao comunitário, ao coletivo, infirma a possibilidade tanto do retorno humano sobre si mesmo, da autoconsciência, quanto do estar consciente de algo, do acompanhar conscientemente o que ocorre em seu interior; qualquer procedimento metodológico que pretenda realizar essas travessias acabará extraviando-se continuamente por territórios plurais, impuros, relacionais: para compreender o nascimento da consciência humana poderíamos utilizar a consciência do rebanho (XI, 26 (157). ONATE, 2000:35. Recomendamos a leitura completa desse livro citado para uma melhor compreensão da discussão em torno da idéia de desconstrução da metafísica em Nietzsche

.7 Ele se torna adversário radical de qualquer projeto fundante, desconfia com veemência daqueles que se dizem possuidores de um canal privilegiado rumo à

verdade, ao ser, ao sujeito como fundamento e se preocupa em apontar as inconsistências internas e as fontes genealógicas das noções que fornecem ao

15

15

pensar metafísico sua circunscrição de domínio.

8 “Sabe-se o que Nietzsche chama de transmutação, transvaloração: não é uma mudança de valores, mas uma mudança no elemento do qual deriva o valor dos valores. A apreciação em lugar da depreciação, a afirmação como vontade de poder, a vontade como vontade afirmativa. Enquanto se permanecer no elemento do negativo, a mudança ou mesmo a supressão dos valores, é inútil matar Deus: guarda-se seu lugar e seu atributo, conserva-se os sagrados e o divino, mesmo se o lugar é deixado vazio e o predicado não é atribuído. Mas quando se muda o elemento, então, e só então, pode-se dizer que se invertem todos os valores conhecidos ou conhecíveis até hoje”. DELEUZE, 1976:143.

9 Quanto ao termo Vontade de potência, ajudou-nos muito a leitura que fizemos do livro Nietzsche e a verdade (1999), escrito por Roberto Machado, em especial o terceiro capítulo chamado Verdade e valor, que dá excelentes esclarecimentos a respeito da problemática nietzscheana sobre o conceito de potência. Outro autor de que nos apropriamos também para uma perspectiva de leitura foi Gilles Deleuze, em sua obra Nietzsche e a filosofia (1976). Tal conceito foi interpretado sob várias óticas, mas preferimos utilizar neste trabalho a interpretação oferecida por Deleuze e Machado, principalmente por serem importantes autores que contribuíram em suas leituras a respeito do pensador alemão, o que nos leva a confiar em sua originalidade e criticidade ao discorrer sobre Nietzsche

10 Segundo Onate, o “projeto nietzscheano não se reduz ao trânsito da identidade do espírito à diferenciação indiscernível do corpo, importa-lhe antes indicar que é a perspectividade das relações potenciais que configura aquilo que chamamos homem (ONATE, 2000: 113).

Referências Bibliográficas

BALEN, R. M. L. *Sujeito e identidade em Nietzsche*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1999, 95p.

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova

Cultural, 1999, (Coleção Os Pensadores).

_____. *Obras Escolhidas*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo:

Difusão Européia do Livro, 1962, 439 p.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth

Joffily Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976, 170 p.

DIAS, R. M. Nietzsche e a questão do gênio. In: PIMENTA NETO, O . J. e

BARRENECHEA, M. A (Org.) *Assim Falou Nietzsche*. Rio de Janeiro: Sette

16

16

Letras, 1999, p. 95-109.

FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*. Trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto.

Lisboa: Presença, 1983, 207 p.

JÚNIOR, Osvaldo Giacóia. *O mais oculto de todos os escondidos*. Revista Olhar

– Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São

Carlos/SP. Vol.2 n.º 2, São Carlos: UFSCar, 1999.

MACHADO, R. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 110 p.

MARTON, Scarlet. *Extravagâncias*. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São

Paulo: Discurso editorial, 2000, 222 p.

MOSÉ, V. Nietzsche e a genealogia do sujeito. In: PIMENTA NETO, O . J. e

BARRENECHEA, M. A (Org.) *Assim Falou Nietzsche*. Rio de Janeiro: Sette

Letras, 1999, p. 188-200.

NIETZSCHE, F. *O livro do filósofo*. Trad. Ana Lobo. Porto: Rés, s/d, 131 p.

_____. *Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo

César de Souza. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 270p.

_____. *Humano, Demasiado Humano*. Volume dois. Trad. Paulo Osório de

Castro. Lisboa: Relógio d'água, 1997, 299p. (Obras Escolhidas)

_____. *Vontade de Potência*. Trad. Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro /

Porto Alegre/ São Paulo: Livraria do Globo, 1945, 425 p.

_____. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São

Paulo: Companhia das Letras, 1998, 179 p.

PELBART, P. P. *Da clausura do fora ao fora da clausura. Loucura e desrazão*.

São Paulo: Brasiliense, 1989, 235 p.

SILVA, R. J. C. Nietzsche e a questão do conhecimento. In: PIMENTA NETO, O . J. e BARRENECHEA, M. A .(Org.) *Assim Falou Nietzsche*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, p. 170-177.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche*. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Presença, 1985, 145p.

17

17

* Graduado em Filosofia pela UNIMONTES. Especialista em Filosofia pela UFU e Mestre em Educação pela UFSCAR/SP – área de pesquisa: Fundamentos Filosóficos da Educação. Professor de História da Filosofia Contemporânea e de Introdução à Filosofia, vinculado ao Departamento de Filosofia/UNIMONTES. Email: alcoja@ig.com.br

18

18